

CLAUDIO WILLER (1940-)

DIAS CIRCULARES

I

Tua presença é monstruosamente reveladora, e sei que devo continuar a existir imerso em sua transparência. Às vezes, a própria distância é um encontro, as horas alaranjadas do dia podem ofuscar, e a radiação dos signos irá despertar-me de vez. Tudo flutua no olhar, apontando para a descida sem limite.

II

O mistério transborda, transforma-se em enxurrada, apaga o rastro e arrasta consigo os fragmentos dos meus ossos. As manhãs de Setembro continuam muito frias, e flutuam em seu envoltório de sobrenatural, crisálidas encerrando a voracidade da posse. Os prédios de gelatina confundem-se com o horizonte e atraem meus passos para o indecifrável, para a quantidade de enigma presente no teu olhar, e que escorre pelas mãos, invadindo o ar que respiro. A armadura ainda ensanguentada, levanto-me, para continuar a caminhada em tua direção, estátua de sal eternamente à minha frente, absorvendo toda a luminosidade do mundo, monte de signos de todos os acasos incompreensíveis, anunciadora da queda infinita.

III

Uma montanha de anjos com insolação desaba sobre a terra, espalha-se pelas antecâmaras da Esfinge. Respiro um vento de alucinação que me dá a plena consciência de amar, e isto é um ponto fixo, incrustado na minha retina, para além dos pneus, dos giroscópios, das ruas eternamente fatigadas.

Estou envolvido e emaranhado pelo amor, todo ar que respiro está contaminado pela Presença, golfadas de pressentimento fazem com que eu perca o pé constantemente, chamas negras e vorazes roem as bases do universo. Prepara-se a consagração definitiva em que tudo será queda, toda a sexualidade do mundo, um fluxo incessante arrasta meus membros, teu olhar de enigma, nosso espanto, o grande emaranhado possível dos corpos à deriva, sustentados por nossa própria respiração simétrica.

Estou imerso na presença, dissolve-me, o olhar arrebatado capta todas as visões que são uma coisa só, a mesma forma repetida em mil prismas da mente, projetada no vazio eternamente à minha frente.

CLAUDIO WILLER

ANOTAÇÕES PARA UM APOCALIPSE

I

A Fera voltará, com seu rosto de tranças de prata, nua sobre o mundo. A Fera voltará, metálica na convulsão das tempestades, musgosa como a noite dos vasos sanguíneos, fria como o pânico das areias menstruadas e a cegueira fixa contra um relógio antigo. Um sonho assírio, eis nossa dimensão. Um crânio amargo, velejando com a inconstância do sarcasmo em meio a emboscadas de insetos, um crânio azul e sulcado, à janela nos momentos de espera, um crânio negro e fixo, separado das mãos que o amparam por tubos flexíveis e esmagando os brônquios da memória – assim se solidificarão as vertigens jogadas sobre a lama divina. O incesto é uma tempestade de luas gelatinosas e a mais bela aspiração dos membros dissociados. Em cada órbita uma avalanche de sinos férteis e de arcanjos terrificados pela sombra. O incesto é o sonho de uma matriz convulsiva e o mais profundo anseio das cigarras. Vaginas de cimento armado e urnas sangrentas, impassíveis contra um céu de veludo, guardiãs de oceanos impossíveis. Milhões de lâminas servem de ponte para os desejos obscuros – a mais afilada trará a nossa Verdade.

II

As margens do caminho desfaziam-se em filigranas semelhantes a certas glândulas de mamíferos inferiores, ou aos caules de vegetais cujas raízes se sustentam nas formações cristalinas dos pântanos da Rússia Central. Um calor envolvente desprendia-se do asfalto, de mistura ao odor de maçãs conservadas durante setenta anos em potes de barro, num clima desértico, ou de fungos que se alimentam do cloro desprendido pelo impacto das hélices sobre as folhas do plátano. O pedregulho, entreabrindo-se, exibia outro subsolo: anátemas ainda não proferidos, nadadeiras de tubarões empalhados, um espelho côncavo, e variedades de tubos cristalinos. Conservada em sal, a alma gelatinosa das mansões *belle-époque* desfazia-se lentamente em colares de pérola negra. Folhas em forma de brasão cobriam as várias

tentativas submersas, indicando o roteiro para um ossário improvável, ou para castelos de feixes de dinamite, erigidos ao amanhecer.

III

As noites semimortas da minha adolescência, massacradas pela canalha, vieram pendurar-se nos meus ombros, arrastando-se, véu inútil, pelos complicados desníveis do Tempo Presente. Os seios de meia-lua, lacerados, dinamitados, agora farpas de gelo acumulando-se em grossas camadas sobre os sofás, tapeçarias, lustres do meu quarto. Em compensação, todos os gatos esguios da selva suburbana vieram acasalar-se à minha cabeceira, velando meu sono com seus lamentos de fagote e harpa.

VIAGENS I

*estamos penetrando na região sombria
zona cinzenta
espaço verdadeiramente humano
onde todo gesto tem significado
densa espreita
de palavras e silêncios
congelados no tempo*

*lentamente
deslizamos para dentro de nós mesmos
materializados e soltos
possuídos desta mesma alegria selvagem
dos grandes homicidas*

*visto minha máscara ritual
— Bizâncio queima ao fundo —
o amor restitui o primitivo peso e agilidade
volta a nomear-me
com meu nome ancestral*